

capacitação

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME

Gestores Sociais
que mudam vidas
pelo Brasil



capacitação

Gestores Sociais
que mudam vidas
pelo Brasil

capacita

12



história

Chuva de liberdade no país de Mossoró

Um município que tem muita história para contar usa a cultura popular nordestina para mudar a vida dos jovens

novos hábitos

Uma tarde com Rosa

Ela é uma das milhares de gerentes sociais que faz do trabalho o combustível para sua vida e tornar o país mais igualitário

18



22



criatividade

A paródia de dois cidadãos

Élvio e Cecília animaram as aulas do lote 1 e até parodiaram o compositor Zé Geraldo para expor o contentamento de fazer a capacitação

disposição

Um professor que veste a camisa da assistência

Zé Luiz deixou a sala de aula para assumir a Secretaria Municipal de Assistência Social. No posto, ele dá um show de bola na hora de aprender e ensinar

26



30



superação

Acima de tudo, mães

Maria e Paula são mães, bonitas, engajadas e profissionais. Mas não pense que a maternidade é um obstáculo para elas

cão



Capacitar a Rede 05

Como uma capacitação mexe com tantas vidas 06

A capacitação no contexto das políticas sociais 08

Longe de casa, a quilômetros de distância 34

tecnologia



36

Interatividade com todas as letras

Na era da internet, a capacitação não poderia deixar de fora a aplicação de novas tecnologias no trabalho dos gestores

dedicação

Alunas nota dez

Ótimas alunas, Mariza, Cidinha e Jurema fazem direitinho o dever de casa. É no dia-a-dia que o trio mostra o que aprendeu na teoria



44

crônica



40

Aula sobre semelhanças e diferenças

Esforço e vontade de fazer a diferença. Uma crônica sobre as lições vividas nas salas de aula de todo o Brasil

crescimento

Uma vida de mudanças

Infância pobre, sofrida, mas sempre acompanhada dos estudos. Elizabeth lutou para mudar de vida e agora luta para mudar a realidade de outros cidadãos



48

capacitação: Gestores Sociais que mudam vidas pelo Brasil

Presidente da República Federativa do Brasil	Luiz Inácio Lula da Silva
Vice-presidente da República Federativa do Brasil	José Alencar Gomes da Silva
Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome	Patrus Ananias
Secretária-executiva	Arlete Avelar Sampaio
Secretária-executiva Adjunta	Rosilene Cristina Rocha
Chefe de Gabinete do Ministro	Adriana Aranha
Secretária Nacional de Assistência Social	Ana Lígia Gomes
Secretário de Articulação Institucional e Parcerias	Ronaldo Coutinho Garcia
Secretária Nacional de Renda de Cidadania	Lúcia Maria Modesto Pereira
Secretário Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional	Crispim Moreira
Secretária de Avaliação e Gestão da Informação	Laura da Veiga
Diretora do Departamento de Formação de Agentes Públicos e Sociais	Aila Vanessa de Oliveira Cançado
Coordenadora Geral de Publicações Técnicas	Monica Rodrigues
Coordenador de Capacitação	Jean Marc Mutzig

expediente

Coordenadora de Comunicação Social	Ângela Carrato
Coordenadora de Comunicação Eletrônica	Leticia Tagliassuchi
Coordenadora de Relações Públicas e Eventos	Maristela Felipe de Melo
Coordenador de Imprensa	João Luiz Mendes
Coordenadora de Publicidade	Maria de Fátima Duarte
Coordenação Editorial	Leticia Tagliassuchi e Monica Rodrigues
Equipe	Marcelo Rocha, Renê Couto, Rodrigo Capeans, Katia Belisardo Couto Rosiene Assunção, Tatiane de Oliveira e Vítor Corrêa
Reportagens	Rosiene Assunção
Projeto Gráfico	Alessandro Mendes
Ilustração	Alessandro Mendes e Timóteo Cunha
Colaboradoras	Ana Paola Amorim e Mariana Mendes
Impressão	Gráfica Brasil
Tiragem	5 mil exemplares

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação
Esplanada dos Ministérios | Bloco A | 4º andar | CEP: 70.046-906 Brasília/DF
Fome Zero: 0800-707-2003 | www.mds.gov.br

Solicite exemplares desta publicação pelo e-mail: sagi.dfaps@mds.gov.br

Junho 2009 | Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Capacitação: Gestores Sociais que mudam vidas pelo Brasil / Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. -- Brasília, DF : MDS, Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, 2009.

56 p.: il. ; 21x28,5 cm.

ISBN 978-85-60700-18-9

1. Desenvolvimento social. Brasil. 2. Políticas públicas. Brasil. 3. Capacitação. Brasil. 4. Gestão social. Brasil. I. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação.

CDD 330.981
CDU 364(81)(041)

Capacitar a rede

Patrus Ananias,

ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

Dentre as conquistas da Constituição Federal, batizada em sua promulgação há 20 anos, de Constituição Cidadã, podemos destacar o reconhecimento e valorização da política de assistência social, um marco jurídico importante para estabelecer políticas públicas na área e combater o clientelismo.

Por muito tempo na história do Brasil, a assistência social foi tratada como assunto de filantropia. A estrutura é relativamente recente no país e prossegue em outras conquistas normativas importantes como a Lei Orgânica de Assistência Social (Loas), a Política Nacional de Assistência Social (PNAS), o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Estatuto do Idoso, sem esquecer a normatização de outras políticas sociais que se integram e complementam a assistência social, como a Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional (Losan) e o Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Sisan).

No processo de construção efetiva dos direitos da seguridade social, a profissionalização do atendimento tem um papel decisivo. O governo federal trabalha na perspectiva de construção e consolidação de uma rede de proteção e promoção social, ampliando os investimentos nas políticas sociais como ação governamental prioritária.

Investir na qualificação dos profissionais responsáveis pelas políticas sociais é investir na qualidade e no aperfeiçoamento dos serviços socioassistenciais. Dentro das metas da política de qualificação profissional do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS),

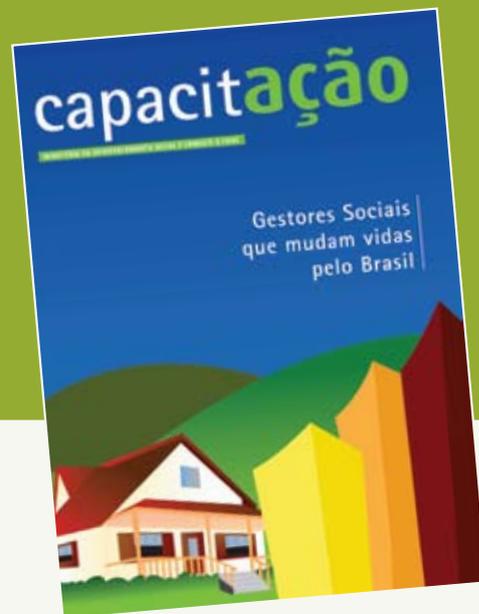
foi lançado o Programa Gestão Social com Qualidade, direcionado à capacitação de gestores, técnicos e agentes de controle social que atuam nas áreas de assistência social e transferência de renda.

Foi o primeiro programa organizado especificamente para fortalecer a constituição de uma rede nacional de capacitação dos gerentes sociais, dos operadores do Sistema Único de Assistência Social (Suas) e do Programa Bolsa Família (PBF), nas esferas municipal, do DF e estadual. Essa iniciativa se baseia no marco republicano de atribuição de competências e responsabilidades aos entes federados e na necessária integração e intersectorialidade das políticas sociais.

Nesta publicação foram colhidas algumas histórias que fazem, de maneira humanizada, parte importante do balanço dessa iniciativa.

Se já avançamos muito nos últimos anos, não podemos nos esquecer de que ainda há cerca de 34 milhões de pessoas vivendo em pobreza extrema em nosso país. Novas estratégias para manter os ganhos que já obtivemos muitas vezes surgem a partir desses verdadeiros "laboratórios da democracia", que são as experiências com a implementação de serviços no nível local, construídos a partir da gestão compartilhada de políticas públicas em múltiplos níveis de governo.

Com essa cumplicidade e nível de participação e mobilização caminharemos cada vez mais para seguir vencendo a pobreza, a miséria, a desigualdade, a fome e a desnutrição no país.



Como uma capacitação

Laura da Veiga,

secretária de Avaliação e Gestão da Informação (Sagi/MDS)

Profissionais da assistência social de todo o Brasil reconhecem os esforços do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) para a consolidação das leis que defendem os direitos básicos do cidadão. Depois de muitas lutas e conquistas, mais uma vez, o campo da assistência social tem o que comemorar. A Capacitação Descentralizada para Gerentes Sociais é um importante passo para a consolidação da legislação vigente, e mais do que um avanço, é a materialização de um melhor serviço prestado à população.

Num Brasil de tantos contrastes e com tantas histórias para contar, a publicação "capacitação: Gestores Sociais que mudam vidas pelo Brasil" traz um relato humanizado sobre os gestores que compõem o quadro da assistência social no Brasil. Não importa o cargo ou as diferenças entre as tarefas executadas. O que se vê são servidores engajados e qualificados, que acreditam na causa pela qual trabalham.

As páginas seguintes documentam a vida de pessoas que dedicam parte dela ao trabalho público, que têm sonhos e querem realizá-los a todo custo, apesar da rotina cansativa e dos resultados que, por vezes, podem demorar a aparecer. É com sorrisos e muito trabalho que os gestores enfrentaram o cotidiano.

Por falar em sorrisos, não há como passar despercebida a animação das turmas pelas quais passamos. Em todos os cantos onde chegou a Capacitação para Gerentes Sociais, os gestores voltaram às salas de aulas e mostraram que têm interesse, empolgação e alegria em

aprender mais para dar um retorno para a sociedade.

E a capacitação trouxe uma boa dose de novidades aos gestores. Além das aulas presenciais, também tiveram aulas à distância. Com elas, muitos alunos que nunca haviam tido aulas via internet aprenderam uma nova forma de conhecimento. Tem ainda a história de superação da gestora do município de Ferraz de Vasconcelos (SP), Elisabeth. Ela luta para mudar a vida de milhares de pessoas, assim como lutou para mudar a própria trajetória.

O dia a dia desses servidores municipais/DF/estaduais não foi deixado de lado por esta publicação. Um exemplo é o das mães que tiveram que levar os filhos para frequentarem as aulas. Esta é apenas uma das atribuições dessas supermulheres, que são mães, esposas e não deixam de buscar o ideal da profissão: contribuir para um país mais justo.

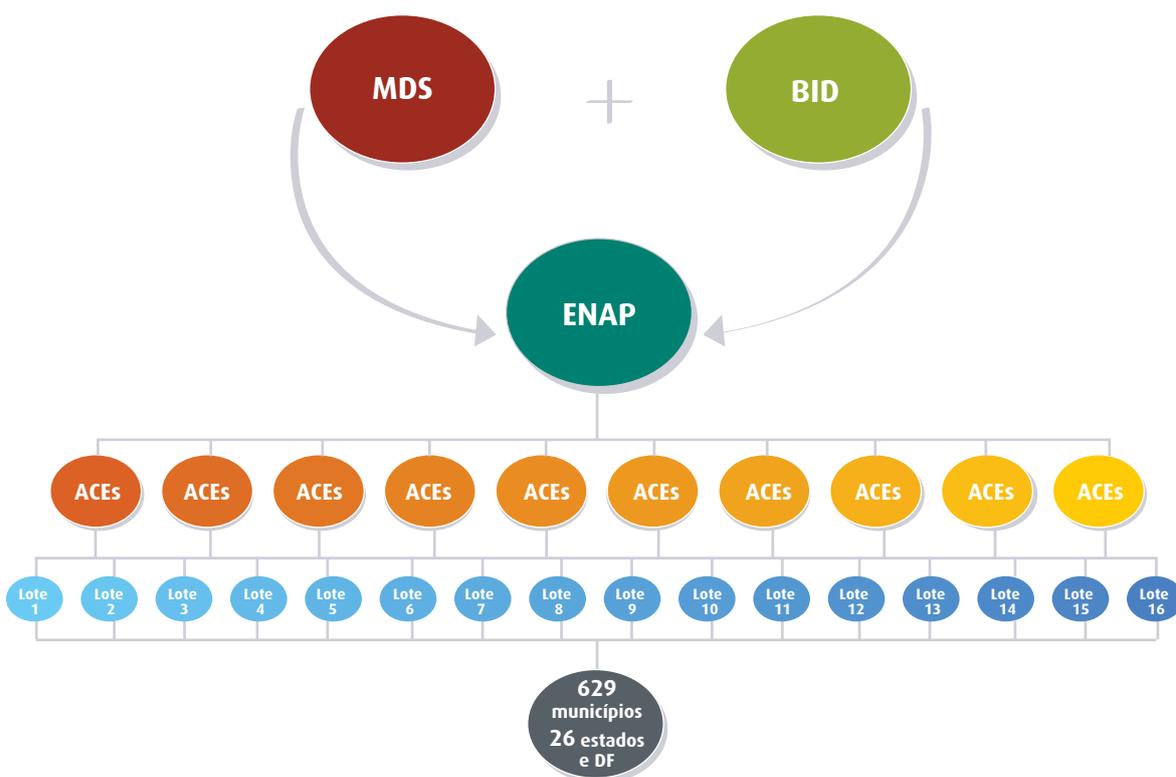
Porém, para cada cidadão que tem sua vida transformada por meio dos programas sociais, o trabalho do gestor faz a diferença. Isso é o que prova a reportagem *Chuva de liberdade no país de Mossoró*, que mostra um município onde atividades ligadas à cultura popular salvam muitos jovens do trabalho infantil e proporcionam às crianças aos adolescentes uma perspectiva de vida que jamais teriam. Fernanda é a gestora que participa dessas mudanças há anos e encontrou na capacitação um apoio para avançar nos trabalhos.

No esquema ao lado, veja como a capacitação foi estruturada para que histórias como as das páginas a seguir pudessem ser contadas. Boa leitura!

mexe com tantas vidas

Estrutura da Rede

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), com o imprestimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), investiu R\$ 14 milhões para desenvolver a Capacitação para Gerentes Sociais. A operacionalização se deu da seguinte forma: a Escola Nacional de Administração Pública (Enap) fica responsável pela coordenação e capacitação de uma rede formada por 10 Agências Capacitadoras Estaduais (ACEs), que são universidades ganhadoras de uma licitação. Aí, as dez ACEs desenvolvem simultaneamente a capacitação em 16 lotes espalhados pelo Brasil (cada lote corresponde a um grupo de municípios). Ao final, 1,6 mil gestores sociais de 629 prefeituras e dos 26 governos estaduais e do Distrito Federal estão formados.



A capacitação



Foto: Agência Brasil

Histórica foto da promulgação da Constituição Federal de 1988, a Constituição Cidadã

A evolução da assistência social é fruto de uma história construída com a participação de diversos agentes. Marcada pelo voluntarismo e por iniciativas de instituições filantrópicas, até a década de 1940, o Brasil não reconhecia a assistência social como política pública e suas ações eram dispersas e concebidas, coor-

denadas e financiadas de forma centralizada e pontual. Tudo ficava a cargo de uma fundação de direito privado, a Fundação Legião Brasileira de Assistência (LBA).

Essa estrutura foi mantida por muito tempo. Mas, em 1988, com a nova Constituição Federal, houve um importante avanço: a determinação de que a assistência

no contexto das políticas sociais

social passasse a integrar o sistema de seguridade social, junto com a saúde e a previdência social. A assistência social ganha, então o *status* de política pública, como direito do cidadão e de responsabilidade do Estado.

Em 1993, outra inovação: a aprovação da Lei Orgânica de Assistência Social (Loas), um marco regulatório da assistência social. A Loas institui o princípio da descentralização participativa, do comando único nas três esferas de governo, do controle social por meio de conselhos deliberativos e paritários e cria os fundos de assistência social, como unidade orçamentária para financiamento desta política. A assistência social brasileira inicia a mudança para um campo novo: dos direitos, da universalização dos acessos e da responsabilidade estatal, bem diferente daquele caráter filantrópico de tempos atrás.

Em âmbito federal, a construção da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), em 1998, em seu primeiro momento fica a cargo da Secretaria de Estado da Assistência Social, vinculada ao Ministério da Previdência Social (MPS). Em 2003, uma nova pasta é criada para promover os socioassistenciais dos brasileiros de forma articulada e em interlocução com outras políticas: o Ministério da Assistência Social (MAS). No ano seguinte, é instituído o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), unificando três políticas numa só estrutura: assistência social, segurança alimentar e nutricional e transferência condicionada de renda.

Ainda em 2004, após ampla mobilização nacional, o

Conselho Nacional de Assistência Social (CNAS) aprova a PNAS. A Política apresenta as bases e referências necessárias para implantação e gestão do Sistema Único de Assistência Social (Suas), introduzindo mudanças profundas nas referências conceituais, na estrutura organizativa e na lógica de gerenciamento da área.

O Suas descentraliza os serviços socioassistenciais nos territórios, classifica e ordena os serviços em níveis de proteção social (básica e especial), garante a aplicação autônoma dos recursos pelos municípios com repasse automático e regular, fundo a fundo, cria um sistema nacional de informação (Rede Suas) que favorece o processamento de transações financeiras e gerenciais. E ainda estabelece normas que estruturam as novas bases de instituição da assistência social como política de Estado.

Todas as atribuições do Suas não só traduzem um novo modelo de gestão, mas materializam o direito socioassistencial do cidadão. O que antes era configurado como caridade e fonte de manipulação política, passa a ser um direito reconhecido e com transparência em seu funcionamento.

E a capacitação?

A complexidade que envolve o processo de mudanças no campo da assistência social não é fácil de ser compreendida, seja para quem é da área ou não. O significativo avanço na legislação ainda não é suficiente para superar os desafios postos em relação à qualificação dos trabalhadores, que são responsáveis por gerenciar



e operacionalizar a política de assistência social nos estados, Distrito Federal e municípios. A implantação do Suas acarreta novas atribuições aos profissionais desta política, uma vez que exige o compromisso com a assistência social e, por consequência, a operacionalização do Sistema.

Para que o Suas possa ser uma realidade na vida dos cidadãos, é necessário um quadro de profissionais qualificados nas três esferas de governo, para fazer frente à tarefa de implementar este sistema. Tendo em vista a essa necessidade e sem prejuízo à construção da Política Nacional de Capacitação para o Suas, o MDS, em parceria com a Escola Nacional de Administração Pública (Enap), desenvolveu um inédito curso: a Capacitação Descentralizada para Gerentes Sociais, integrante do Programa Gestão Social com Qualidade.

Nesse cenário de tantas mudanças, a capacitação é estratégica e adquire um papel central: qualificar os profissionais de assistência social, resultando não só num trabalho mais eficiente e eficaz, como também no aperfeiçoamento do atendimento aos beneficiários dos serviços, projetos, programas e benefícios socioassistenciais.

Uma visão mais ampla de um modelo brasileiro de proteção social não contributiva nos mostra que a assistência

social extrapola os limites das políticas de transferência de renda para se constituir como uma área que viabiliza o acesso aos direitos. Muitos desses direitos garantidos constitucionalmente a todos os cidadãos, a partir da observância de situações de vulnerabilidade e riscos pessoais e sociais.

Em 2004, com tal concepção, começa a ser planejada a Capacitação para Gerentes Sociais, um projeto pioneiro no Brasil: servidores de assistência social de Secretarias Estaduais, do Distrito Federal e Municipais de 629 municípios e, de todos os estados brasileiros, têm a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos, tanto na teoria quanto na prática. Os investimentos são do MDS via empréstimo junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Especialistas foram mobilizados para elaborar o conteúdo das aulas e discuti-lo com os docentes indicados pela rede de capacitação que conta com dez Agências Capacitadoras Estaduais (ACEs) responsáveis por implementar o curso de forma descentralizada. Por meio dessas agências, 1,6 mil gerentes sociais assistem às aulas presenciais e a distância, sempre a partir do paradigma do direito social público.

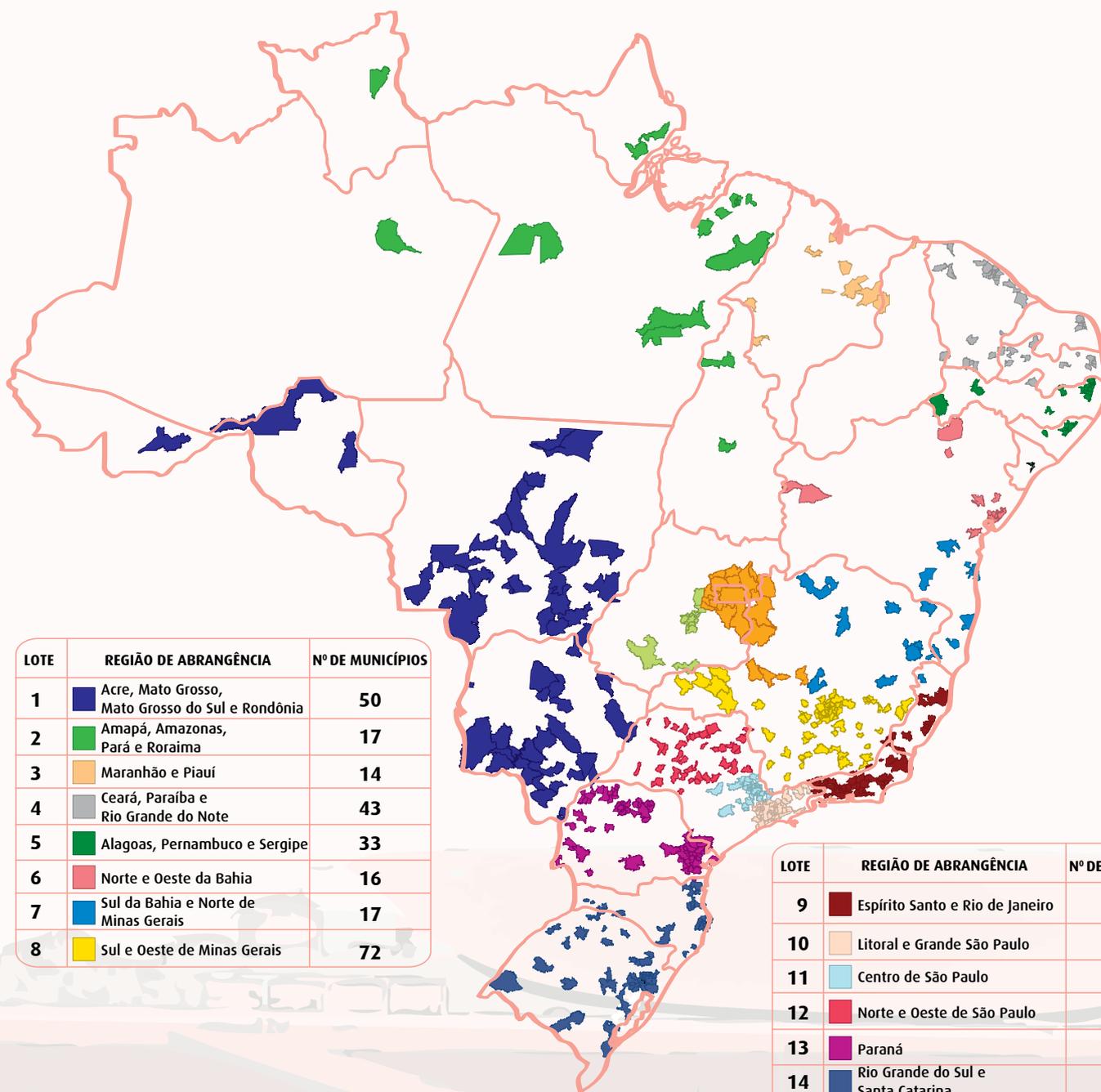
O papel do servidor da assistência social é fundamental para a consolidação do sistema vigente. A Capacitação para Gerentes Sociais é uma das grandes linhas de apoio para que estados, DF e municípios possam oferecer ao cidadão uma Política de Assistência Social de qualidade por meio de seus servidores. E representa mais um esforço na construção de uma política pública de direitos.

As aulas da capacitação foram ministradas entre março e julho de 2008, período no qual foram elaboradas as matérias. Nas páginas que se seguem, um pouco da vida e experiência de alguns gestores são contadas com emoção e verdade. E também com pitadas de descontração, como as ilustrações caracterizando cada um dos alunos/gestores de acordo com a história a ser apresentada.

16 lotes pelo Brasil

A Capacitação para Gerentes Sociais foi organizada com a formação de 16 lotes, divididos por critérios sócio-demográficos. Cada um dos lotes tem uma cidade

de polo, onde os alunos assistem às aulas presenciais. Abaixo, um mapa ilustrativo envolvendo 629 municípios, 26 estados e o Distrito Federal.



LOTE	REGIÃO DE ABRANGÊNCIA	Nº DE MUNICÍPIOS
1	Acre, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Rondônia	50
2	Amapá, Amazonas, Pará e Roraima	17
3	Maranhão e Piauí	14
4	Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte	43
5	Alagoas, Pernambuco e Sergipe	33
6	Norte e Oeste da Bahia	16
7	Sul da Bahia e Norte de Minas Gerais	17
8	Sul e Oeste de Minas Gerais	72

LOTE	REGIÃO DE ABRANGÊNCIA	Nº DE MUNICÍPIOS
9	Espírito Santo e Rio de Janeiro	56
10	Litoral e Grande São Paulo	55
11	Centro de São Paulo	35
12	Norte e Oeste de São Paulo	38
13	Paraná	69
14	Rio Grande do Sul e Santa Catarina	74
15	Sul e Centro de Goiás	15
16	Entorno do Distrito Federal, DF e Noroeste de Minas Gerais	25

Fonte: Sagi/MDS, 2008

Chuva de liBERdAdE no país dE



Numa cidade onde a voz da cultura popular nordestina ecoa em todos os cantos, jovens escapam do trabalho infantil e aprendem a ter orgulho das raízes

Mossoró

Uma cidade onde se respira cultura nordestina em cada esquina. As ruas calçadas de paralelepípedos, os casarões antigos, a praça. Quase tudo em Mossoró, cidade a 280 quilômetros de Natal, Rio Grande do Norte, remete a um lugar como o do filme *O Auto da Compadecida* – só que bem mais moderno, é claro. Com um pouco de imaginação, até o som de pífanos pode ser ouvido quando bate o vento morno, quase um vapor para quem não está acostumado com o calor da cidade.

Fernanda Kallyne é gerente de Desenvolvimento Social de Mossoró (RN) e aluna do lote 4. No município, ela une a cultura local ao trabalho na assistência social.



Foto: Alctvan Costa/Mossoró

Apesar do clima interiorano, a cidade é uma potência econômica e ainda por cima tem histórias das boas. O caso mais ilustre é a resistência aos cangaceiros liderados por Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Com uma economia próspera, a cidade foi anunciada em 1927 como o próximo alvo do bando. O prefeito da época declarou que não dispunha dos 400 contos de réis exigidos para evitar o ataque. Lampião e companhia invadiram a cidade, mas não esperavam ser combatidos com tamanha astúcia e coragem. No conflito, um cangaceiro morreu e outro foi ferido. Lampião fugiu, e Mossoró ganhou a fama de ser a cidade que resistiu ao cangaço.

Durante a década de 1950, para lembrar o ato heróico, foi montada, em frente à Capela de São Vicente, a peça *Chuva de Balas no País de Mossoró* com os principais personagens do acontecimento. A cada ano, mais pessoas visitam o município para ver o espetáculo encenado por 55 atores, que contam com um reforço muito especial: as 98 crianças do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), que é co-financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

O orgulho local deixa marcas por toda a cidade: no Memorial da Resistência de Mossoró (MRM), construído em homenagem ao acontecido ao bando de Lampião; nos grupos folclóricos que se apresentam durante o ano e se juntam

em agosto para um grande torneio; e nas festas juninas. Este orgulho também não sai da boca de Fernanda Kallyne Rego, a gerente executiva de Desenvolvimento Social da Secretaria Municipal



Foto: Carlos Costa e Pacifico Medeiros





de Cidadania, que conhece bem de perto o trabalho realizado com essas crianças. Ela é a mossoroense que cursou a Capacitação para Gerentes Sociais no lote 4. Durante as aulas, apresentou aos demais uma experiência de grande sucesso.

Arte popular que muda vidas

No Núcleo 1 do Peti, que fica no bairro de Barrocas, 290 jovens aguardam ansiosos. Trata-se de um dia importante: as crianças integrantes dos cinco núcleos do Peti (são quatro núcleos na zona urbana e um na zona rural) vão se reunir para apresentar as coreografias ensaiadas diariamente. Fernanda está na platéia, e se ajeita numa cadeira para assistir às exhibições com um grande sorriso estampado no rosto. No pátio, às 9h30, o sol está de rachar e sob o calor de uns 30 graus, a meninada transpira debaixo das roupas pesadas.

Os primeiros a se apresentar são as crianças do coral: “Depende de nós, quem já foi ou ainda é criança, que acredita ou tem esperança, quem faz tudo *prum* mundo melhor”, cantam eles, com a cabeça balançando pra lá e pra cá. Em seguida, ocorrem as apresentações do Boi Bumbá, Marujada, Pastoril e de um grupo que faz música com instrumentos que virariam lixo.

Enquanto um grupo dança xaxado, uma das coordenadoras do Peti, Rita Dantas, explica que as crianças vieram de um lixão que havia ali ao lado. “Eles não falam porque têm vergonha, e mesmo porque isso faz parte de um passado que já ficou para trás. Agora a realidade é outra, conta a coordenadora” Hoje, todos estão na escola e em horário alternativo usufruem do serviço socioeducativo do Programa. Eles praticam atividades lúdicas, pedagógicas e culturais visando o pleno desenvolvimento social, físico e mental. As famílias recebem o benefício do Bolsa Família e têm acompanhamento constante. Quando saem do Peti, já integram o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem), uma ação que cria con-

Foto: Ricardo Lopes



O espetáculo acontece em frente a Igreja São Vicente

dições para a inserção, reinserção e permanência do jovem no sistema educacional. Assim, junto com a maioria, vêm as chances de inserção no mercado de trabalho.

A dedicação que os jovens demonstram dá resultados pra lá de práticos. Em agosto, quando acontecem festivais culturais, grupos infantis disputam torneios com coreografias típicas do folclore local. “Ninguém quer competir com o Peti, porque as crianças de lá sempre ganham”, diz a exultante Fernanda. Além do trabalho socioeducativo realizado com as crianças e do festival anual de folclore, sempre aparecem convites para apresentação em eventos na cidade. Mas, sem dúvida, o ponto alto é a participação no espetáculo *Chuva de Balas no País de Mossoró*.

Como o cenário cultural é muito agitado, turista é visita constante na cidade. Boa parte das crianças inseridas no Peti antes trabalhavam como vigia de carro, engraxate, vendedor ambulante ou catador de latinha. Mesmo aquelas que não estavam nessas atividades con-

figuravam um grupo em situação de vulnerabilidade, e mais cedo ou mais tarde acabariam trilhando o mesmo caminho por força das circunstâncias.

Todo o trabalho da assistência social em Mossoró é coordenado direta e indiretamente por Fernanda. Ela assumiu o posto há pouco tempo, convidada para ocupar a Gerência Executiva de Desenvolvimento Social. Para dar conta do recado, os conhecimentos adquiridos ao longo dos oito anos como assistente social, da graduação e do mestrado que está cursando, um complemento que veio mais do que na hora certa: os conhecimentos adquiridos na Capacitação para Gerentes Sociais.

Depois de duas horas de apresentações, as crianças fazem uma grande fila para o almoço. Com as roupas da apresentação, agora é hora de repor as energias. A satisfação em mostrar tudo o que aprendem é visível, e essa parece ser a recompensa pelo trabalho de Fernanda. “Às vezes a gente se sente impotente, pois a assistência

Potência econômica e cultural

Mossoró é a segunda maior cidade do Rio Grande do Norte e possui mais de 200 mil habitantes. É conhecida como a terra do sol (pelo forte calor o ano inteiro), do sal (de lá vem cerca de 50% da produção nacional) e do petróleo (devido à produção de 47 mil barris/dia). A cidade tem muitas histórias, além da resistência ao bando de Lampião. Em 1883, cinco anos antes da Lei Áurea, deu liberdade aos seus escravos. Na época do Império, em 1875, as mulheres se revoltaram contra o alistamento

obrigatório de seus filhos, o que ficou conhecido como Motim das Mulheres. Foi em Mossoró também que Celina Guimarães se tornou um símbolo do feminismo, sendo a primeira mulher a votar no Brasil, em 1928.



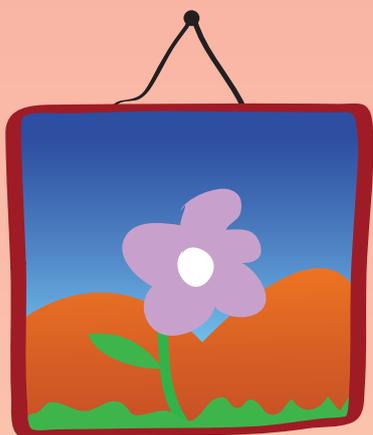
social é um trabalho que dá resultado a médio e longo prazos. Mas quando vejo tudo o que já construímos me entusiasmo, porque percebo que podemos ir ainda mais longe”.

Enquanto Fernanda fala, continua a apresentação do xaxado. A dança tem esse nome devido ao som que as sandálias dos cangaceiros faziam quando dançavam em comemoração aos êxitos do grupo de Lampião. Dan-

çando o xaxado, as crianças do Peti cantam batendo um rifle no chão e acompanham uma música com letra satírica. Mas no país de Mossoró, não é o bando de Lampião que canta vitória, mas as crianças que encontraram na cultura popular nordestina uma forma de mudar de vida e alcançar a liberdade. Parece que isso é típico dos cidadãos de Mossoró.



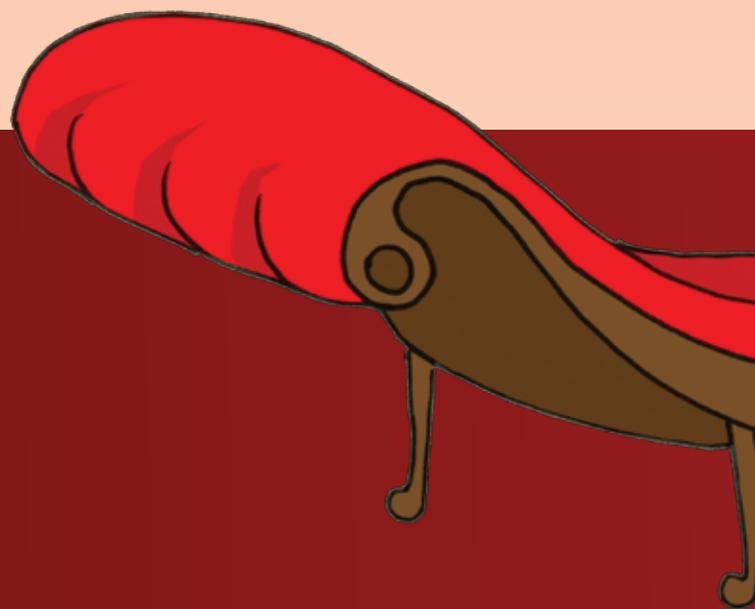
Fernanda coordena os serviços de assistência social de Mossoró



Uma taRde com

Para esclarecer dúvidas referentes ao Programa Bolsa Família, solucionar questões de todos os tipos ou conversar sobre pendências pessoais, Rosa está sempre às ordens

Assistente social Rosa se dirige a uma pequena sala ao fundo do Núcleo de Apoio à População (NAP) de Poá, São Paulo. A sala tem um caráter mais reservado do que o restante do local, que é grande e lotado de cidadãos em busca de atendimento. Apesar de pequeno, cerca de dois metros quadrados, o espaço é acolhedor, com dois quadros e um jarro de flores artificiais. E a voz calma e compreensiva da gestora do Programa Bolsa Família no município, Rosa Batista dos Santos.



RoSa

Foto: Fernando Araújo/Poá

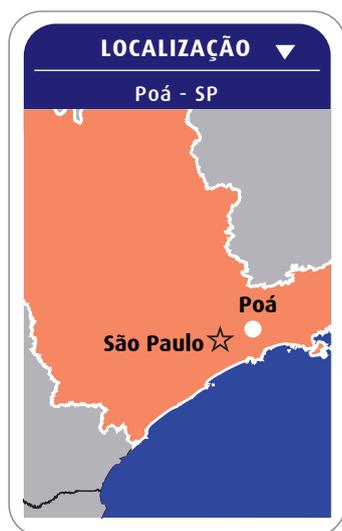


Rosa Batista é gestora do Bolsa Família em Poá (SP) e aluna do lote 10. E tem um jeito todo especial de atender os beneficiários.

“Há um mês, essa salinha aqui não existia. Com as aulas da capacitação, percebi que tratamos de muitas situações delicadas que precisam de um atendimento especial. A pessoa precisa se sentir acolhida, à vontade para conversar e falar do que acontece na vida dela”, explica Rosa. “Em uma das aulas vi que muitas vezes, por causa da repetição do dia a dia, acabamos tratando todos os casos como se fossem um só, de forma mecânica, e isso não pode acontecer”. Ela leva para a pequena sala cidadãos em situações de risco pessoal e social, como violência doméstica, trabalho infantil, entre outras situações de vulnerabilidade social.

A assistente social diz que, depois das aulas da Capacitação para Gerentes Sociais, aprendeu a ter um olhar diferente para cada caso que atende. A tarefa não é das mais fáceis, visto o movimento diário do NAP. O Núcleo fica numa das ruas íngremes de Poá, localizado no centro da cidade, e que se torna ainda mais estreita com o movimento de tantos carros e pedestres. Lá trabalha a tímida Rosa.

Todos os serviços oferecidos ao cidadão no município de Poá, que tem cerca de 100 mil habitantes, são realizados no NAP. Dentre eles, está o plantão de dúvidas e cadastro do Programa Bolsa Família. As conversas com Rosa acontecem em *flashes*, entre um atendimento e outro. A assistente social entra e sai, fala com todos e esclarece dúvidas com a maior paciência do mundo.



Numa das três baias, que fazem atendimento aos beneficiários do Bolsa Família, está Leonora Pereira dos Santos. No colo, Gabriel, de um ano e três meses, tenta pegar os papéis de Rosa, que estão em cima da mesa. Leonora veio por indicação de uma amiga em busca de informações sobre como obter o

“Quando a gente atende beneficiários de renda básica parece que todo mundo tem um problema só, mas não é assim que deve ser”

benefício, pois mora sozinha e está passando por dificuldades financeiras.

– Então a senhora quer saber o que fazer para receber o Bolsa Família?

– Isso.

– Qual é a sua renda mensal?

– Ah, sou desempregada, mas faço uns bicos, lavo e passo. Às vezes aparece uma faxina. É de mais ou menos uns R\$ 80.

– E esse neném, é seu filho?

– Não, é meu neto. Minha filha não mora comigo, eu cuido dele. Moro sozinha mais ele.

– Então, como faz os bicos se tem que cuidar dele?

Ela encolhe os ombros e inclina a cabeça para responder:

– A gente se vira como pode...

Leonora sai do NAP a par de todo o procedimento referente ao Bolsa Família, mas Rosa ainda tem muito trabalho pela frente. Ela trabalha das 8h às 17h, sanando dúvidas referentes ao Programa e resolvendo os problemas que aparecem.

A coordenadora do Bolsa Família conta que muitas pessoas têm dificuldades com o bloqueio de pagamento do benefício devido à baixa frequência escolar. Ela atende cerca de 300 pessoas por dia e, às vezes, a criança não tem alimento em casa ou está sofrendo algum tipo de abuso. A mãe fica com medo de mandá-lo para a escola e acaba tendo o pagamento suspenso. Dificilmente o problema do bloqueio vem sozinho.

Rosa e mais duas gestoras de Poá são as representantes do município na capacitação. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), numa das quatro turmas do lote 10, as aulas da professora Maria Carmelita Yasbek



parecem ter surtido efeito imediato no atendimento realizado pela aluna.



"Em uma das aulas, foi suscitado que quando a gente atende beneficiários de renda básica parece que todo mundo tem um problema só, que precisa da mesma coisa, e não é assim que deve ser. Precisei assistir àquela aula para ver que o atendimento podia melhorar. Depois conversei com alguns colegas lá do curso e eles também falaram a mesma coisa", lembra Rosa. A nova sala criada por ela no NAP é resultado do ensinamento da professora. Os dois quadros e o jarro de flores foram comprados pela mesma, no intuito de tornar o ambiente mais acolhedor para os beneficiários.

Porém, mais acolhedor do que o novo espaço, é a face de Rosa. A voz mansa e o sorriso tímido eram quase imperceptíveis durante a primeira semana de aulas na PUC/SP. Mas o que pode ser visto a distância é a disposição e a

vocação que a servidora tem para trabalhar como assistente social. Quando questionada se gosta do que faz, um sorriso largo aparece rápido no rosto moreno: "Ah, eu amo o que faço, adoro atender e resolver os problemas das pessoas".

O sonho de ser assistente social foi viabilizado por outro gosto: aulas de matemática. Formada em Matemática, durante muitos anos ela deu aulas para pagar a faculdade de Serviço Social, e por quatro anos exerceu as duas funções. Há dois meses, se dedica somente ao NAP, e entende de praticamente tudo o que diz respeito ao setor. A dedicação

e o acanhamento levam a pensar que Rosa é daquelas que não fazem outra coisa senão trabalhar, mas se engana quem acha isso.

Ela sorri, esfrega os olhos e desliza a mão sobre o rosto para falar do *hobby*: "Ai, eu adoro dançar! Adoro! Todo mundo pensa que assistente social tem que ser aquela velhinha chata. Não é nada disso!".

No dia seguinte, às 7h50, o NAP ainda não abriu para atendimento. Apesar disso, 15 pessoas aguardam a abertura para resolver pendências. Lá dentro, atrás das baias do Bolsa Família, Rosa está resolvendo um problemão por telefone, antes mesmo de o atendimento começar. "Estava solucionando uma questão de cadastro de beneficiário", conta. O expediente nem começou formalmente e Rosa já está fazendo o que mais gosta.

"Eu adoro dançar! Adoro! Todo mundo pensa que assistente social tem que ser aquela velhinha chata. Não é nada disso!"



Após a capacitação, Rosa mudou a forma de atender os beneficiários do Bolsa Família

Foto: Bruno Spada/MDS



A paRódia de dois cidAdãos

Élvio e Cecília são os festivos e desinibidos alunos que deram o que falar na terceira turma do lote 1. Élvio Vieira dos Anjos é coordenador do Programa Bolsa Família de Várzea Grande, Mato Grosso. Cursa jornalismo e leva o maior jeito para relações públicas. Ele foi uma espécie de porta-voz da turma. Inquieto, conversa, gesticula, levanta, sai, vai e volta. Foi dele também a idéia de fazer um amigo oculto em plena quarta-feira, para que os gestores trocassem presentes típicos de cada município.

O importante é dar asas à imaginação e soltar a voz, com ou sem afinação. Inspirados na música *Cidadão*, de Zé Geraldo, os alunos Élvio e Cecília são os compositores e intérpretes da paródia *Gerente Cidadão*



Fotos: Igor Bastos/Várzea Grande e Willmar Crestani/Sorriso

Élvio dos Anjos, de Várzea Grande (MT), e Cecília Crestani, de Sorriso (MT), formam a dupla musical que agitou o lote 1.

Além da paródia, a dupla organizou um amigo oculto com presentes típicos de cada município

A parceira fiel de todas as horas do Élvio, Cecília Brezolin Crestani, não fica para trás. Não perde uma piada, muito menos um amigo. A gaúcha de sotaque genuíno mora há oito anos na mato-grossense Sorriso. É assistente social e se diz muito empenhada na luta para que o Sistema Único de Assistência Social (Suas) seja efetivado no município.

O que os dois têm em comum? Além do bom-humor e da dispo-

sição para assistir às aulas na Universidade para o Desenvolvimento do Estado e Região do Pantanal (Uniderp), eles acharam o curso bem puxado, mas compensatório. O pessoal acordava bem cedo para assistir às aulas e tinha pique para ver um conteúdo que contempla desde

as diretrizes dos serviços socioassistenciais até os programas com os quais eles trabalham todos os dias.

Tudo isso é relatado com muito bom-humor pela dupla dinâmica, Élvio e Cecília. Eles fizeram uma paródia da música *Cidadão*, de José Geraldo Juste, compositor

e cantor mineiro, conhecido somente por Zé Geraldo. A iniciativa inédita da Capacitação para Gerentes Sociais motivou a criatividade dos gestores.

Na versão original, Zé Geraldo conta a história de um operário que ajuda a construir obras, como edifícios e colégios, mas, depois de tudo pronto, não pode ter acesso às obras porque é pobre. Por outro lado, a história da paródia é bem divertida e para cima. Nas mãos de Élvio e Cecília, a música *Cidadão* virou *Gerente Cidadão*. O contentamento com o que se aprendeu e as expectativas e realizações foram contadas e cantadas pelos alunos. "Suas-Web tá na mão, Ah meu Deus, como aprendi!", dizem eles. Tudo isso está na música da dupla que agitou o lote 1.





Música: Gerente Cidadão

Letra : Cecília Brezolin Crestani – Sorriso (MT) Élvio dos Anjos – Várzea Grande (MT)

Tá vendo aquela turma, moço?
Eu também passei por lá

Tá vendo aquela professora, moço?
Ela passou por aqui
Explicou a Constituição
Suas – Web tá na mão
Ah meu Deus, como aprendi!
Cras e *Creas* entrou na mente

Veja o *Paif* minha gente
O *ProJovem* vem aí
Não sei se vou dar conta
Com tanta sigla na ponta
O quê eu tô fazendo aqui?
Mas é um aprendizado
O Brasil tá precisado
E eu quero contribuir

Dignidade e igualdade
É amor fraternidade
É fazer o social
Adquirir conhecimento
Para ter todo o momento
E saber apresentar

Fui eu que acordei às sete
Pra vir aqui na Uniderp

É Acre e Rondônia
Que vieram da Amazônia
Pra conhecimento adquirir
Mato Grosso do Sul e Mato Grosso
Que estão roendo o osso
Para a pobreza diminuir
Nós somos do primeiro lote
Ah meu Deus, é muita sorte
Encontrar vocês aqui

Aguardamos vocês em maio
Pra dar andamento ao trabalho
E o certificado receber
Lá na base o povo espera
Pra ver se a gente supera
A desigualdade social
Um abraço para todos
E retornamos de novo
Pra gerentes nos formar

Na segunda etapa tem continuação, moço
A música vai espichar
Se cuidem caros colegas
Que pra todo mundo vai sobrar
Andem todos na linha
Façam o diagnóstico, que tudo se encaminha
E se preparem para apresentar

Glossário

E aí, gostou da música? Agora, entenda o que significa as palavras em *itálico* na letra:

Suas – Web: ferramenta de gestão do Sistema Único de Assistência Social para municípios e estados

Cras: Centro de Referência de Assistência Social

Creas: Centro de Referência Especializado de Assistência Social

Paif: Programa de Atenção Integral à Família

ProJovem: Programa Nacional de Inclusão de Jovens

Um pRoFeSsOr que vEstE a camisa da AsSisTêNCia



A palavra de ordem é acreditar no que faz.

Assim é Zé Luiz, um gestor que tem muito a ensinar
mas não se cansa de aprender

Professor. Assim é conhecido José Luiz Freire de Almeida, secretário municipal de Assistência Social de Mogi das Cruzes, São Paulo, aluno do lote 10 da Capacitação para Gerentes Sociais. Pelas ruas da cidade, ele buzina, dá tchau, cumprimenta e é cumprimentado por muita gente, do prefeito aos usuários dos serviços socioassistenciais.

E não é à toa que todos o veem como professor. Zé Luiz cursou Ciências Biológicas, depois Pedagogia, com o intuito de ocupar cargos diretivos. Por curiosidade, como ele diz, decidiu ingressar ainda na Engenharia Civil. Começou como professor e chegou a diretor, supervisor e dirigente de ensino. Em 2001, foi convidado para assumir a Secretaria e, desde então, se dedica à assistência social para desenvolver os trabalhos da melhor forma.

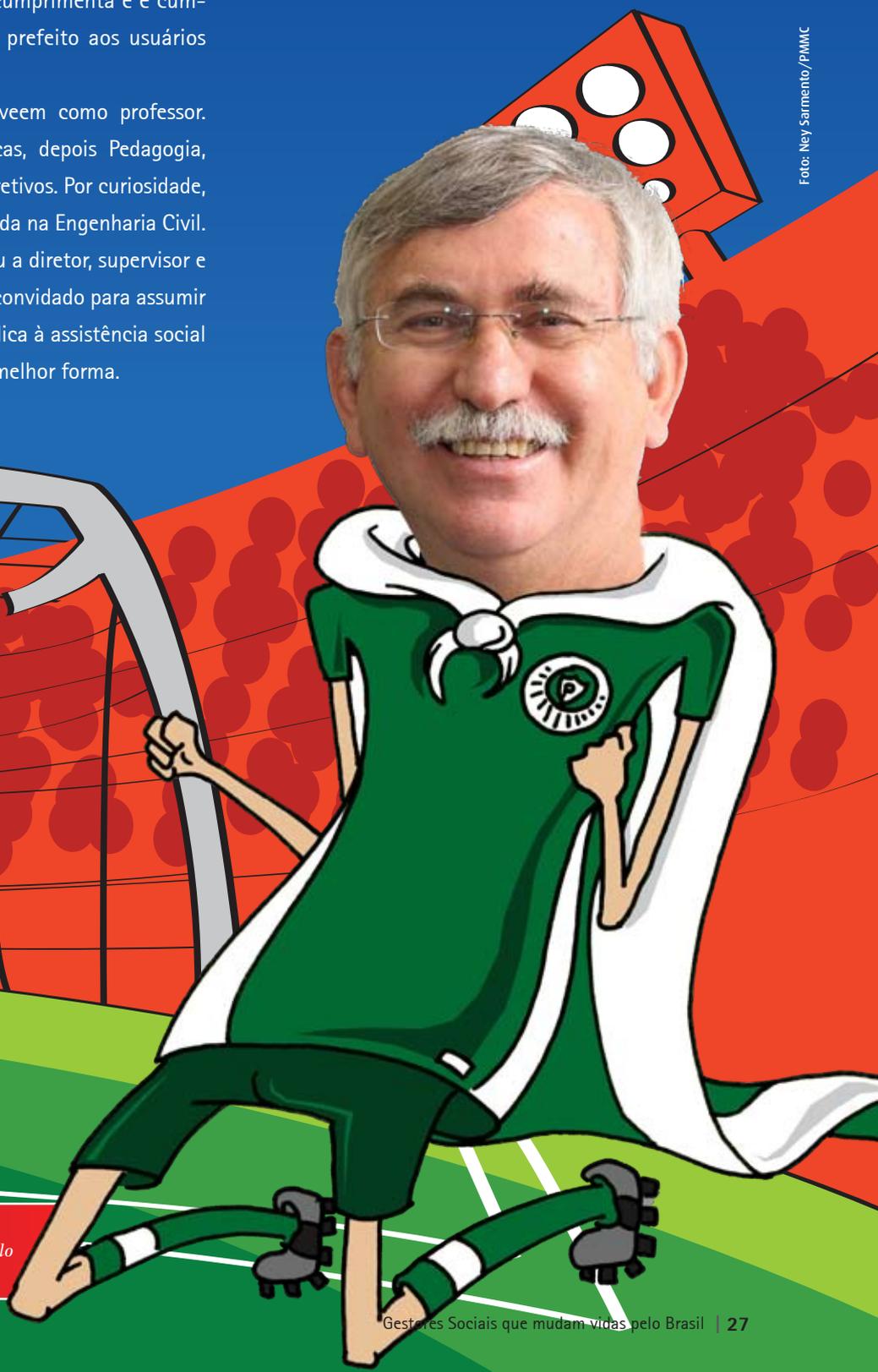


Foto: Ney Sarmento/PMMC

José Luiz é secretário municipal de Assistência Social de Mogi das Cruzes (SP) e compartilhou sua paixão pelo futebol com os colegas do lote 10.

Para ele, ocupar o cargo foi um desafio inicialmente visto com certo receio. "Eu tinha a intenção de não aceitar o convite. Na minha concepção, isso era assistencialismo puro, aquele negócio de ficar doando cestas básicas... Mas vim para tentar fazer algo diferente, e acho que hoje as coisas são realmente bem diferentes de antes".

Zé Luiz e a equipe trabalham numa sala grande, dividida em baias, localizada no prédio da Prefeitura, onde estão abrigados os serviços dirigidos ao cidadão. Ali, todos os dias, são atendidas em média 100 pessoas, que buscam os mais diversos tipos de serviços. Segundo Zé Luiz, concluída a capacitação, os beneficiários poderão ter um atendimento cada vez mais qualificado e eficiente.

Bate bola entre os gestores

Durante as aulas na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), surge um rumor entre os alunos. Um grupinho se organiza para ir ao jogo do Palmeiras



na terça-feira. O *zum-zum-zum* se espalha e logo fica claro que o palmeirense roxo Zé Luiz é o organizador do passeio que aconteceria à noite, após o encerramento das aulas. Quase um mês depois, em Mogi das Cruzes, ele explica a mobilização: "Estava ali ao lado do [estádio] Parque Antártica, é claro que eu tinha que prestigiar o meu time e levar meus colegas".

"O trabalho do dia a dia nos faz repetir sempre as mesmas coisas, nos aliena. Temos que descobrir formas de fugir disso"

Ele corre para o computador e começa a procurar as fotos do jogo. Encontra a imagem digitalizada de uma caricatura que lhe deram de presente e, em seguida, mostra as fotos no Parque Antártica. Aponta para um rapaz. É Rodrigo de Freitas Siqueira, gestor de Itaquaquetuba, que é são-paulino, mas foi convencido a acompanhar o jogo. Ao todo, três colegas foram assistir a Palmeiras x Portuguesa na companhia de Zé Luiz. Ele faz questão de esclarecer que não é fanático, daqueles que acompanha o time a todos os lugares mesmo que caia para a quarta divisão ou que tem todos os artigos do time (canecas, roupa de cama, coleção de camisetas etc), apenas tem o costume de acompanhar o time do coração. O resultado do jogo? Um a zero para o Palmeiras, somada àquela interação entre os gestores dos municípios.

Mas não é só em articulações futebolísticas que Zé Luiz manda bem. No computador com o qual trabalha todos os dias, é possível acessar uma pasta cheia de fotos dos amigos que fez durante a capacitação. Para ele, a interação com os amigos é também uma oportunidade de aprendizagem. "Na hora do cafezinho e do almoço, no hotel ou mesmo no estádio de futebol, a gente troca idéias, experiências que deram certo ou errado. Isso é bom para criar em nós o hábito de trocar informações não só durante esse período de curso, mas incorporar isso ao nosso cotidiano".

Dito isso, Zé Luiz entra no ambiente





**"Na capacitação, a gente troca idéias,
experiências que deram certo ou errado.
Isso é bom para criar em nós
o hábito de trocar informações"**

de aulas virtuais e mostra os bate papos que troca com os colegas. "Somos ao mesmo tempo muito próximos e muito distantes. O trabalho do dia a dia nos faz repetir sempre as mesmas coisas, nos aliena. Temos que descobrir formas de fugir disso". A frase dele remete ao segundo dia de aula e reproduz a fala da professora Aldaiza Sposati, referência na área de serviço social e uma das professoras da capacitação, que falou a respeito da alienação dentro das rotinas de trabalho.

Bom aluno, bom professor. Dá para perceber que a educação é o alicerce da vida de Zé Luiz. Para contar há quanto tempo conhece a esposa, a cronologia é a escola: a conheceu na 6ª série. Ele fala pausadamente e contando nos dedos, de forma explicativa e até mesmo pedagógica. Quando conversa, olha por cima dos óculos, e faz questão de desdobrar os assuntos de forma a deixar o mais claro possível o que está falando. Pelo trabalho na área da educação e da assistência, recentemente, Zé Luiz foi homenageado com o título de Cidadão Mo-

giano, pela Câmara de Vereadores.

Dando uma volta em Mogi, entre saudações dos moradores e piadinhas amistosas, ele faz questão de mostrar as unidades onde são ofertados serviços socio-assistenciais, como os quatro Centros de Referência de Assistência Social (Cras), o Centro de Cidadania e Artes (Ciarte) e o Conselho Tutelar. A menina dos olhos é o Canarinhos do Itapety, um projeto que visa promover o desenvolvimento das aptidões artísticas, além de oferecer uma ocupação saudável às crianças e aos adolescentes em situação de exclusão social.

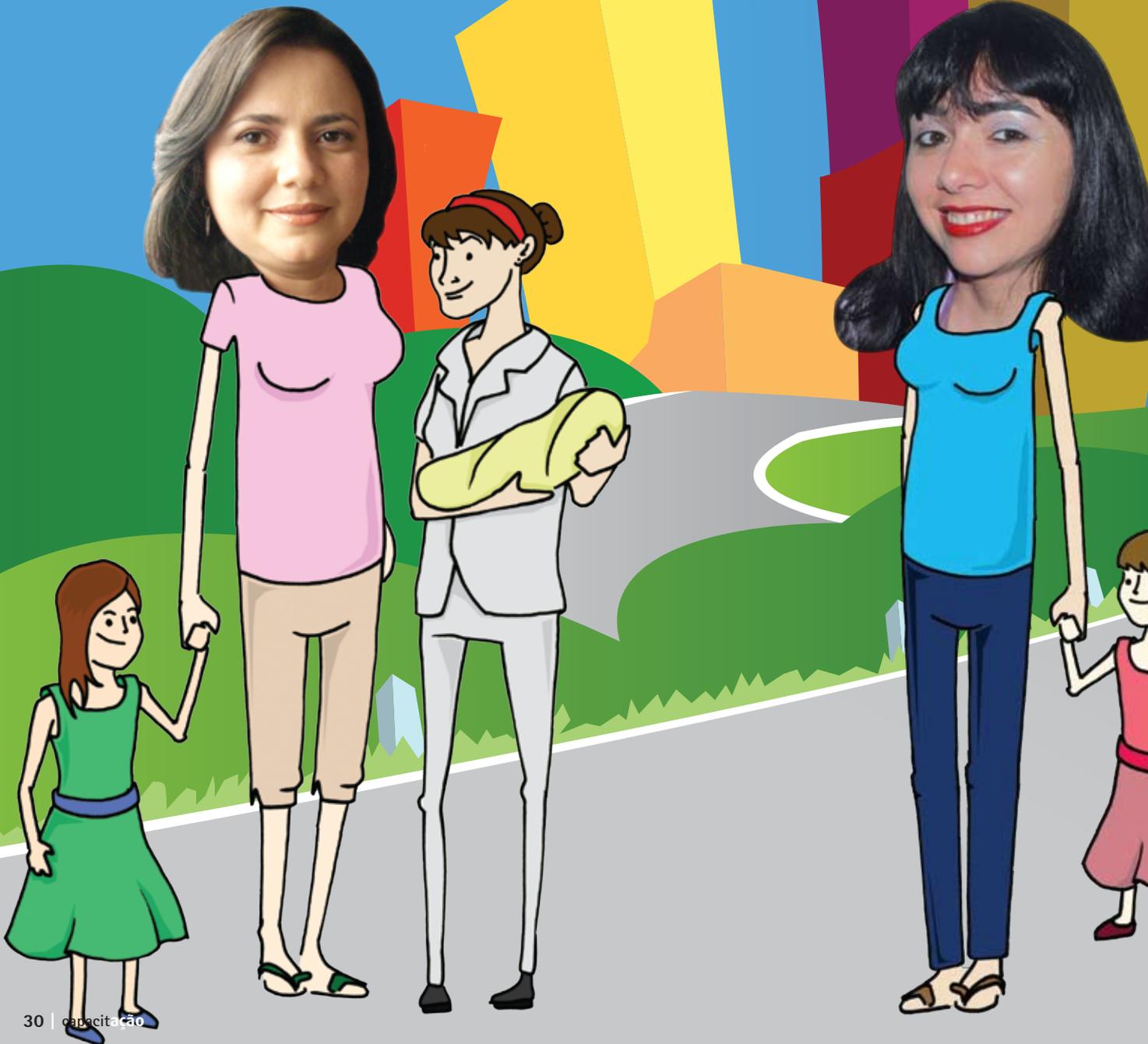
O Ciarte é o local dos ensaios do coral dos Canarinhos, no qual cantam 300 crianças de regiões carentes e que virou cartão de visita da cidade. "Você voltou? Que bom!", fala ele para uma menina em meio às demais crianças. Elas estavam ensaiando há um mês o Hino da Imigração Japonesa. O município possui uma das maiores colônias de imigrantes japoneses do Brasil e as crianças ensaiavam para a gravação do DVD em comemoração ao centenário da imigração japonesa, comemorado em 2008.

Ele parece conhecer uma a uma e pede para a professora iniciar a cantoria. "Eles cantam em japonês!", explica exultante. Verdade, as crianças cantam em japonês, juntando sílabas que lêem na partitura. Zé Luiz sorri de orelha a orelha. Num dos locais onde é desenvolvido o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti), crianças jogam futebol sem traves ou área demarcada. Sem pedir licença, ele entra em campo e vai jogar com os garotos. Depois de levar dois olés, desiste da brincadeira.

Das aulas na PUC/SP, passando pelo jogo do Palmeiras e chegando ao dia a dia em Mogi das Cruzes, o professor, e também secretário Zé Luiz, é a prova de que aprender é o caminho. Quando é indagado se também canta em japonês, ele sorri e responde: "Ainda tenho que aprender".

Acima de tudo,

Fotos: Matusalem Teixeira/Rondonópolis e Adriano Dylan/Valparaíso



mãEs

Elas não medem esforços para cumprir as etapas da capacitação. Se for preciso levar os filhos, que assim seja. É o que aconteceu com duas gestoras/alunas. Para ampliar os conhecimentos sem deixá-los na mão, uniram o útil à maternidade

Quem não conhece aquele singelo e pleonástico dito popular: "Mãe é mãe"? E que a mulher faz mil coisas ao mesmo tempo sem jamais deixar de ser mãezona? Não é preciso ir muito longe para constatar que os ditados fazem todo o sentido, e não poderia ser diferente de uma ponta a outra do País, na Capacitação para Gerentes Sociais.

Maria Yvelônia, do lote 10, e Paula de Ávila, do lote 1, levaram as filhas e as babás para as aulas da capacitação.

A alegria da realização profissional dura frações de segundos se o lado mãe não estiver satisfeito com o rumo que tomam as coisas. É assim que pensa a assistente social Maria Yvelônia Araújo, aluna do lote 16 que vive e trabalha em Valparaíso de Goiás, entorno do Distrito Federal. Quando recebeu o convite para participar da capacitação, não teve dúvidas de que levaria as duas filhas para a cidade polo onde aconteceriam as aulas: Unaí, Minas Gerais, cidade a 180 quilômetros de onde mora.

Enquanto a mãe assistia às aulas, Ana Beatriz, de 4 anos, corria pra lá e pra cá nos corredores do hotel. No colo da babá Deuzenir ficava a risonha Giovana, de 4 meses, que ainda estava em fase de amamentação. Nos intervalos das aulas para almoço e jantar, lá estava Maria junto à prole, conferindo se tudo corria dentro dos conformes e dando de mamar à Giovana.

Apesar de o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) financiar o deslocamento do aluno – rodoviário ou aéreo – e a hospedagem, Maria desembolsou cerca de R\$ 300 para custear a estada da babá e das filhas por uma semana.

UNAÍ - MG



Maria Yvelônia, com as filhas Giovana (esq.) e Ana Beatriz (dir.)

"Falei com meu marido e disse que pretendia arcar com o que viesse pela frente para poder fazer o curso"

Ela explica porque não mediu esforços e gastos para fazer o curso: "Quando vi o conteúdo da capacitação, que vai desde as diretrizes da assistência social até as práticas cotidianas de trabalho, decidi arriscar porque achei que valeria a pena. Falei com o meu marido e disse que pretendia arcar com o que viesse pela frente para poder fazer o curso". No lote 16, causou admira-

"Sou profissional e, acima de tudo, mãe. Não posso abrir mão de uma coisa em detrimento da outra"

ção a todos o fato de Maria ter levado as filhas para não perder o curso.

Caso semelhante é o de outra aluna, uma assistente social de Rondonópolis, Mato Grosso. Paula de Ávila Assunção Castelli levou a filha mais nova, Luíza, de 2 anos, para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, cidade polo do lote 1. De ônibus, elas percorreram uma distância de 500 quilômetros até o local da capacitação. "Para mim e minhas filhas é muito difícil viajar e deixá-las, e para elas também. Mas a menor tive que trazer. Uma semana é muito tempo para uma criança de apenas 2 anos".

Nas duas etapas presenciais, Paula foi com Luíza e a babá, Néia. Assim como Maria Yvelônia, ela teve de desembolsar o dinheiro correspondente à estada, alimentação e deslocamento da babá. Somando o dinheiro pago nas duas viagens, foram cerca de R\$ 700. "Acho que fiz um investimento, pois foi muito bom poder

fazer o curso de capacitação e ainda levar a minha filha comigo".

Depois do jantar, Luíza está com a mãe no *hall* do hotel. Paula conversa e, de vez em quando, suspende o papo para chamar a filha: "Luíza, não pula daí, vem pra cá". Aos pulos, ela corre e vem para junto da mãe.

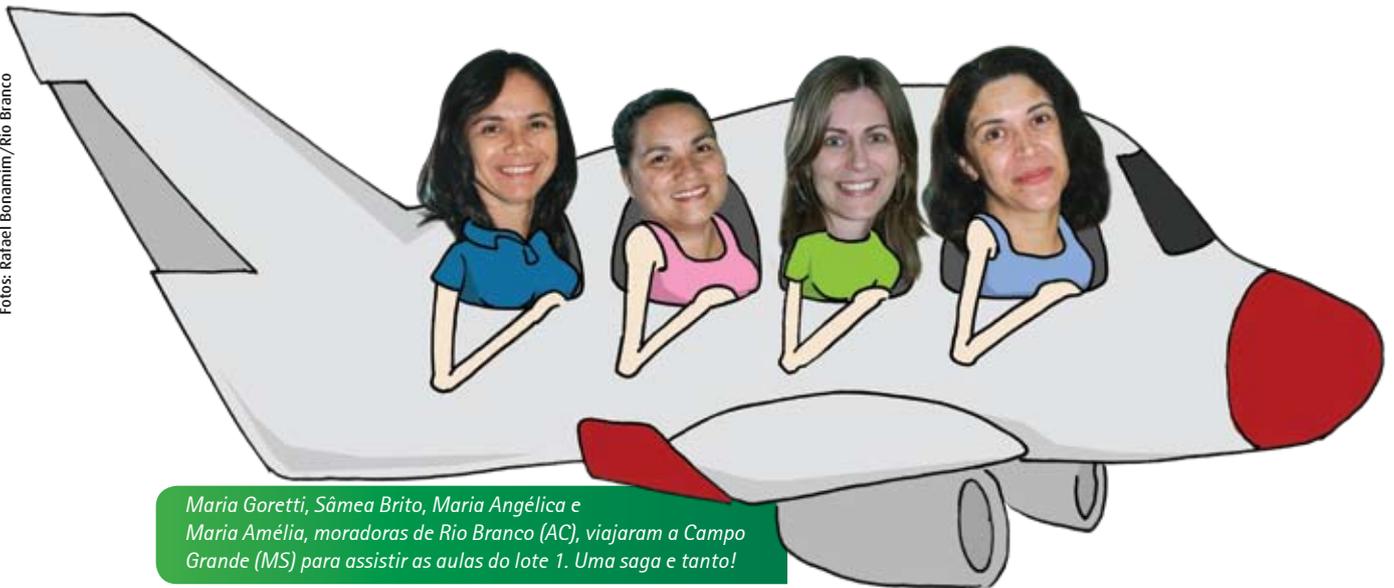
Paula tem mais duas filhas, de 10 e 8 anos, que tiveram que ficar por causa da escola. A mãe procura organizar a vida profissional e pessoal de forma que nenhuma das duas áreas fiquem comprometidas. "Sou profissional e, acima de tudo, mãe. Não posso abrir mão de uma coisa em detrimento de outra", finaliza.



Campo Grande - MS

Luíza faz pose no colo da mãe, Paula. A babá Néia, acompanhou as duas nas viagens





Maria Goretti, Sâmea Brito, Maria Angélica e Maria Amélia, moradoras de Rio Branco (AC), viajaram a Campo Grande (MS) para assistir as aulas do lote 1. Uma saga e tanto!

Longe de **Casa**, a quilômetros de **distância**

Elas tomaram café da manhã em Brasília, almoçaram em Cuiabá e jantaram em Campo Grande. Não se trata de nenhuma banda feminina em turnê pelo Brasil, mas de quatro alunas do lote 1, para quem cursar a Capacitação para Gerentes Sociais exigiu muitas horas de viagem e de espera.

O quarteto é formado por Maria Goretti Valente, chefe da Divisão de Abrigo de Rio Branco, por Sâmea Brito, da Secretaria Estadual de Assistência Social do Acre, e por Maria Angélica Paulin e Maria Amélia Barcellos, ambas da Secretaria Municipal de Assistência Social de Rio Branco. Elas viajaram durante 18 horas do Acre ao Mato Grosso do Sul, mais especificamente de Rio Branco a Campo Grande. A distância que separa as duas cidades é de 2.684 quilômetros, o que de ônibus corresponderia a 1 dia e 9 horas de viagem. Durante um dia, percorreram aeroportos de três estados. Tudo, para ir à cidade polo,

Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e lá permanecer por uma semana e assistir às aulas da capacitação.

As quatro moram em Rio Branco, e saíram de casa pouco depois da meia noite, de sábado para domingo. Às 1h35 da madrugada embarcaram para Brasília, onde chegaram às 6h35 e com uma diferença de duas horas, devido ao fuso horário. Na capital federal tomaram café da manhã e seguiram para Cuiabá. Chegando lá, deram uma volta no Shopping Pantanal e aproveitaram para almoçar. O último voo da saga chegou à Campo Grande às 18h do domingo.

Depois de uma semana assistindo às aulas, é hora de voltar para casa. Tudo de novo, mas dessa vez a rota vai incluir São Paulo. De Campo Grande, elas partiram às 9h para a terra da garoa, onde chegaram na hora do almoço, às 12h30. Como o voo só sairia para Brasília às 18h, o jeito foi dar uma volta no Shopping Guarulhos para passar

o tempo. No horário previsto, partiram para a capital do país. De lá, mais três horas de espera até chegar o voo das 21h que iria para Rio Branco. Para lá de cansadas, elas chegaram ao destino final às 22h devido ao fuso horário.

Já em casa, Maria Amélia fala da viagem, que fez por duas vezes: na primeira e segunda etapa presenciais. "Foi como uma grande aventura, e valeu a pena por todo o conhecimento que eu trouxe na bagagem". Ainda bem que conhecimento não é pago como excesso de bagagem!



InteRaTi vidAdE com

Alunos do lote 14 se encontram num chat na internet. Por duas horas, eles falam sobre suas realidades e descobrem uma tecnologia que ajuda no aprendizado

todas as LetRas

Numa quinta-feira, gestores de diferentes municípios sulistas conversam num *chat* sobre o conteúdo da Capacitação para Gerentes Sociais. Na sala de bate papo, discutem os textos que já leram, e fazem exposições com embasamento na realidade com a qual trabalham diariamente.

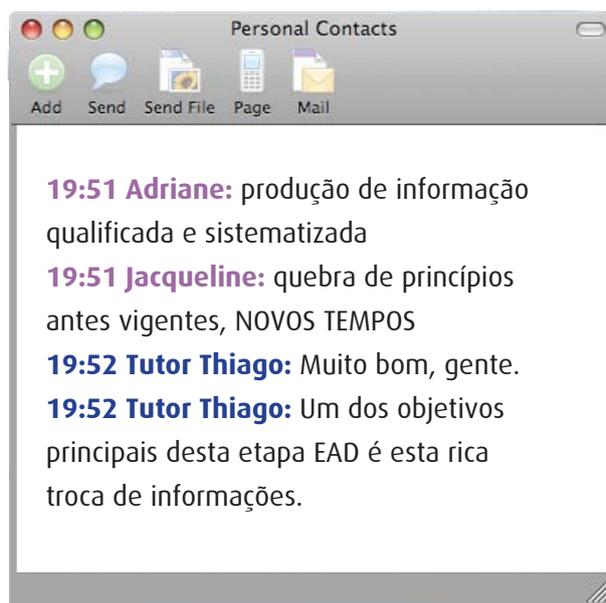
Na plataforma de Ensino à Distância (EAD), os alunos de todo o Brasil têm acesso às informações sobre a própria plataforma, *chats*, fóruns de discussão, textos didáticos, legislação sobre a assistência social, bem como a bases de dados sobre indicadores sociais, entre outros recursos. Ali, discutem os textos lidos com dia e horário fixado. Os alunos propõem discussões nos fóruns e interagem sobre os mais diversos assuntos, sempre acompanhados por um tutor. Neste caso, o tutor foi Thiago Ingrassia.

O bate papo da turma "A" do lote 14 está planejado para começar às 19h. Um minuto antes do horário combinado, entra no *chat* Adriane Lauck, que é assistente social de Taquara, cidade a 80 quilômetros de Porto Alegre. Como parte das discussões sobre o conteúdo,

O bate-papo dura duas horas.
Os gestores se despedem e voltam
a seus afazeres, mais ainda com
o conteúdo da discussão na cabeça

ela escreve que "as políticas de enfrentamento à pobreza estão em processo de expansão, e estamos tendo a oportunidade de fazer parte deste processo".

Para Adriane, o curso que estão fazendo é a prova disto; da preocupação em ter profissionais preparados para trabalhar nessa frente. Os demais participantes do *chat* concordam com ela, assim como Jackeline Picoral, assistente social da Secretaria de Assistência Social e Cidadania de Canoas (RS), como mostra a tela de bate papo abaixo.



O *chat* dura ao todo duas horas. Às 21h, é encerrado. Os gestores se despedem e voltam a seus afazeres, mas ainda com o conteúdo da discussão na cabeça.

Próximos, porém distantes

Leandro Raizer é coordenador de EAD de uma das Agências Capacitadoras, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), responsável pelo lote 14. Ao todo, ele ficou *online* por 60 horas durante a segunda etapa de aulas à distância. Foram feitos três *chats* por dia para acompanhar as quatro turmas. "Com todo esse processo, pude ver a evolução dos alunos pouco a pouco".

Leandro ressalta que a forma como o curso foi concebido não permite que o aprendizado caia no esquecimento. "A etapa à distância é fundamental para manter o curso vivo. A capacitação teve início em fevereiro e vai até junho de 2008. É normal que haja uma dispersão, mas isso não acontece devido às aulas via internet". Ele lembra que, no início das aulas, os alunos não conversavam e nem sabiam direito como agir num bate papo virtual.

Em fevereiro, os alunos tiveram o primeiro encontro virtual para a primeira aula à distância. Os tutores se apresentaram e, pouco a pouco, os alunos declararam estar meio perdidos e que não sabiam bem o que fazer. Alguns entravam e saíam constantemente da sala de bate papo. "Procurem se ambientar ao moodle", é o que recomendava o tutor Thiago Ingrassia. O moodle é um software livre de apoio à aprendizagem usado nas aulas à distância. E as dúvidas continuavam. "Como acompanho? Os demais vídeos, não estou conseguindo acessar..." E assim foi quase toda a sessão, com esclarecimentos de dúvidas e mais dúvidas.

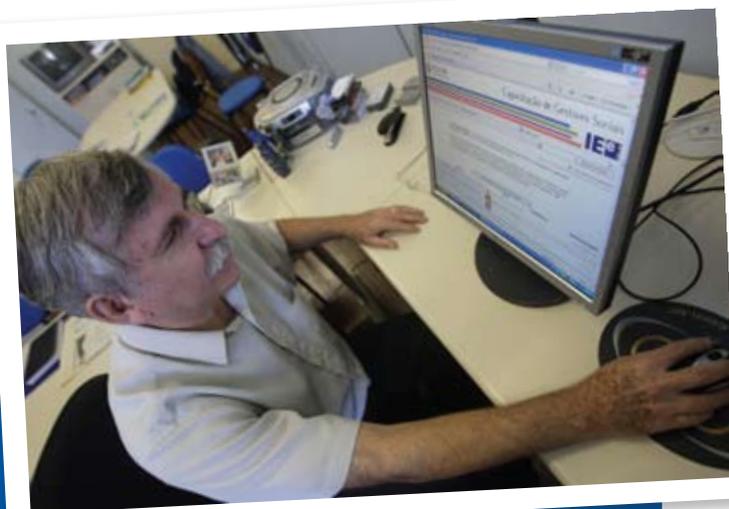
Apesar da dificuldade inicial de alguns, teve gente que aprendeu a usar a tecnologia bem rápido. Em Mogi das Cruzes, São Paulo, o secretário municipal de As-

O moodle é o ambiente de educação a distância, adotado pela capacitação, no qual os alunos têm acesso, via internet, a uma série de recursos didático-pedagógicos. A ferramenta foi usada na etapa a distância como uma preparação para as aulas presenciais. Lá, os alunos têm acesso a textos, fóruns e salas de bate-papo para discutir o material disponível para leitura (as conversas são mediadas por um tutor) e para sanar eventuais dúvidas.

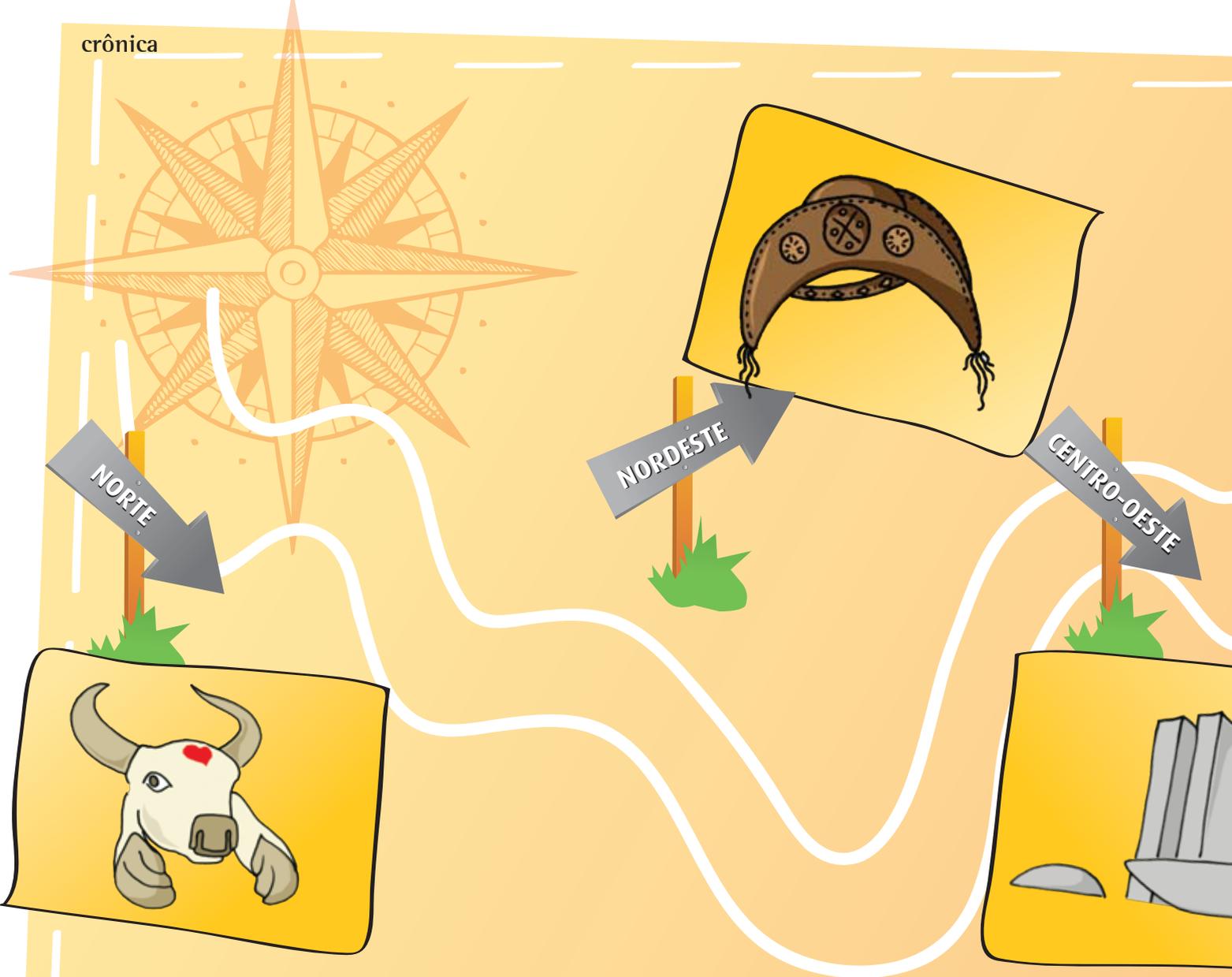
"A etapa a distância é fundamental para manter o curso vivo. É normal que haja uma dispersão, mas isso não acontece devido às aulas via internet"

sistência Social e aluno do lote 10, José Luiz Freire de Almeida, é um dos gestores aplicados que faz bom uso da ferramenta. Na plataforma EAD da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), ele criou um espaço chamado "Café com os gestores". A intenção é estimular a interação com os colegas, numa espécie de continuação da troca de experiências iniciada nas aulas presenciais. Ele vai até o computador e mostra o espaço criado na plataforma. Explica que teve acesso aos anais da VI Conferência Nacional de Assistência Social e disponibilizou para os colegas.

Zé Luiz, como é conhecido, também criou o espaço "Veja se você saiu bem na foto". Agitador de turma por natureza, ele deu uma de fotógrafo e colocou na plataforma EAD o registro das aulas presenciais, intervalos para o lanche, *happy hours* e demais cliques dos colegas. É a interação proposta sendo posta em prática.

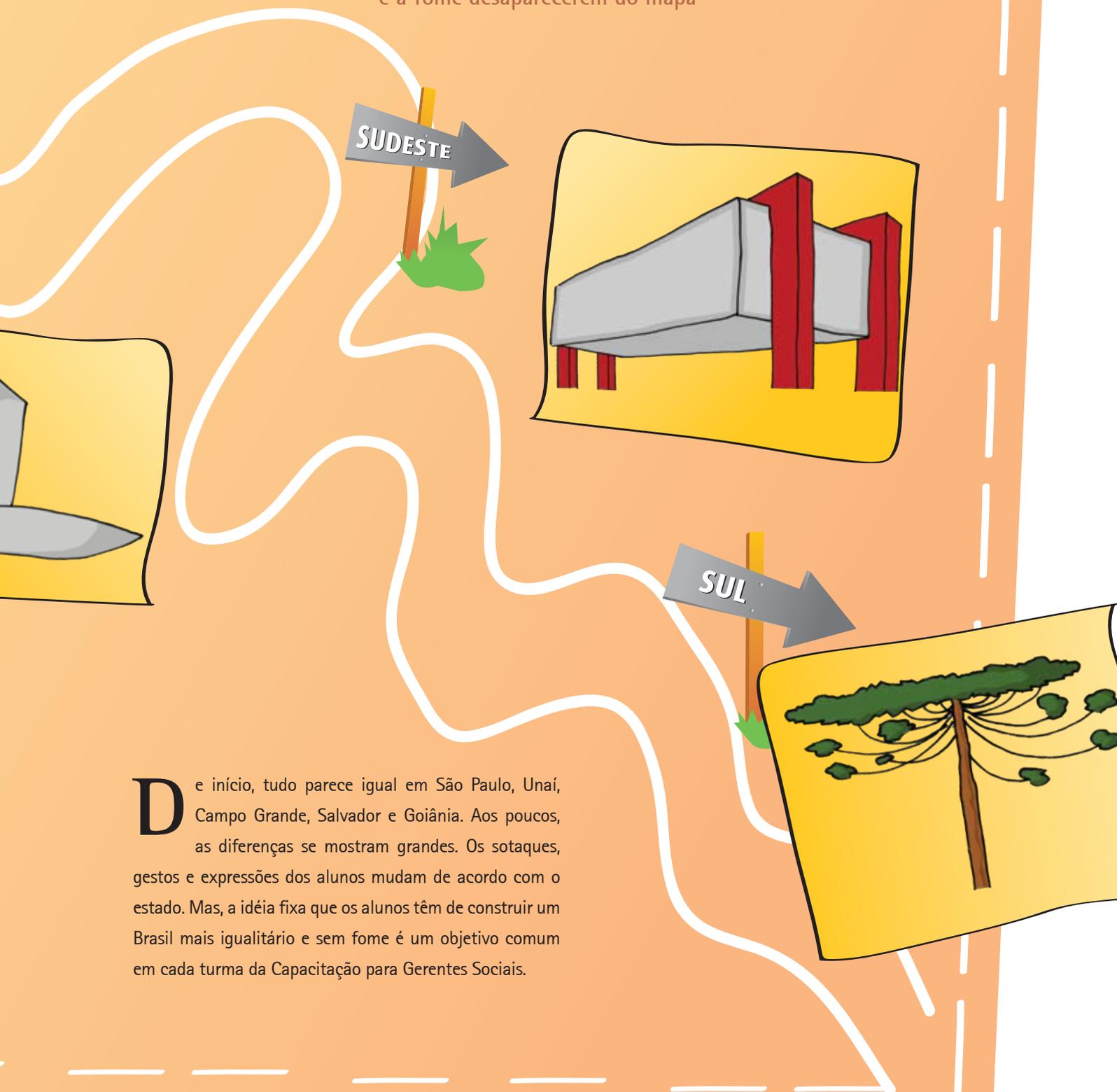


Zé Luiz pôs a interação em prática. Criou o "Café com os gestores" e o "Veja se você saiu bem na foto"



aULA sobre semelhanças e diferenças

Nas 16 cidades polo da capacitação, nas cinco regiões do Brasil, há muitas diferenças entre os alunos. Mas um sonho em comum: ver a desigualdade social e a fome desaparecerem do mapa



De início, tudo parece igual em São Paulo, Unai, Campo Grande, Salvador e Goiânia. Aos poucos, as diferenças se mostram grandes. Os sotaques, gestos e expressões dos alunos mudam de acordo com o estado. Mas, a idéia fixa que os alunos têm de construir um Brasil mais igualitário e sem fome é um objetivo comum em cada turma da Capacitação para Gerentes Sociais.



Os assistentes sociais, pedagogos, psicólogos e demais profissionais que atuam nas políticas públicas em cada município sonham e lutam todos os dias por uma mudança no cenário da desigualdade.

Alguns não frequentavam uma sala de aula há um bom tempo. A falta de familiaridade com o ambiente pode ser percebida facilmente. Por exemplo, nas aulas de conhecimentos teóricos para o entendimento da Política Nacional de Assistência Social (PNAS) e do Programa Bolsa Família, tem gente que vira de um lado para o outro, impaciente. Há aqueles que falam demais. Há os que pedem silêncio. Mas, os engajados são a densa maioria, do Oiapoque ao Chuí.

Entre tantos alunos, identificar as pessoas preocupadas com o melhor desempenho possível da função não é tarefa difícil. A voz é firme, as palavras, precisas. Os traços de um gestor que luta pela consolidação da assistência social é comum. Eles chegam para fazer o

"No início, a turma é calada, não polemiza. Apesar da aparente timidez, é grande a vontade de falar sobre a realidade do próprio município"

curso com expectativas de aprender mais para construir um município justo na teoria e na prática e, quem sabe, até um Brasil mais consciente do papel da assistência social.

Nas aulas práticas nos laboratórios, olhos vidrados na tela do computador. As ferramentas de gestão parecem brinquedos novos recém-descobertos. Com os olhos brilhando, os alunos aprendem a usar ferramentas de gestão como a Rede Suas e a Matriz de Informações Sociais. Parece a descoberta da máquina da felicidade.

No melhor estilo primeiro dia de aula, os alunos se apresentam, dizem o que esperam da capacitação e só depois começa a aula expositiva. No início, a turma é



Alunos do lote 1 dançam durante dinâmica

Fotos: Rosilene Assunção/MDS



Atentos, alunos do lote 16 assistem às aulas



calada, não polemiza. Apesar da timidez inicial, é grande a vontade de falar sobre a realidade do próprio município. Os alunos querem contar seus problemas, quem sabe no intuito de arranjar uma solução rápida para os percalços do dia a dia.

O prefeito que não vê a importância dos serviços socioassistenciais, o cargo de secretário que foi dado a uma pessoa sem conhecimento para exercê-lo. Aos poucos, os gestores vão falando e uns e outros começam a se identificar com a situação. "Nossa, é a mesma coisa lá no meu município", dizem muitos deles. E a interação deixa de ser desabafo para virar troca de experiências, pois também é importante falar de projetos que deram certo. É uma forma de incentivar os colegas de profissão no caminho das pedras, de mostrar que há problemas, mas também soluções.

O trabalho que cada um deles desempenha todos os dias parece não se tratar apenas das tarefas cotidianas. Nas aulas, é perceptível a preocupação com o próximo, com o direito de acesso à proteção social básica e especial. A absoluta maioria dos gestores, distribuídos pelos 16 lotes Brasil afora, não está preocupada somente em cumprir o expediente e receber o pagamento. Eles esperam e trabalham pelo dia em que a população vulnerável tenha melhores condições de vida.

Em compensação, há aqueles que estão descrentes. Eles acreditam que a iniciativa de uma capacitação de tão grandes dimensões é importante e válida, mas que a assistência social tem um passado muito atrelado ao assistencialismo e que isso não vai mudar tão facilmente.

A absoluta maioria dos gestores, distribuídos pelos 16 lotes Brasil afora não está preocupada somente em cumprir o expediente e receber o pagamento

É na hora do lanche que o entrosamento começa a aparecer. Ali, gestores/alunos comentam sobre o conteúdo das aulas, os que se conhecem colocam as conversas em dia, outros combinam de sair durante a noite. E o comentário que circula em todas as turmas de diferentes lotes é que a capacitação engorda. No lanchinho da manhã, pão de queijo, bolo e chocolate quente, além do bom e velho café com leite. No intervalo do período da tarde, salgadinhos, refrigerante e suco. "Nossa, como a gente come aqui neste curso! A próxima semana vai ser toda de regime", brinca Cleonice Dias, aluna do lote 16 e pedagoga do Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) do município de Águas Lindas de Goiás.



Alunas nota 10

Em Jacareí (SP), três gestoras/alunas mostram que é sempre possível melhorar a rotina de trabalho. Com dedicação e interesse, o que tinha tudo para cair no marasmo ganha novo fôlego a cada dia

Durante a primeira semana da Capacitação para Gerentes Sociais é fácil localizar o trio de gestoras de Jacareí, São Paulo, em meio aos 43 alunos da turma. Mariza de Fátima, Jurema Colassante e Maria Aparecida Pereira, a Cidinha, alunas do lote 10, sempre se sentam na frente. Nada de mais até aí. Mas ao longo da semana, fica perceptível que a trupe é mesmo daquelas *alunas nota 10*.



Sempre sentadas na frente, Mariza de Fátima, Jurema Colassante e Maria Aparecida são alunas do lote 10. Elas pensam no trabalho 24h por dia!



Fotos: Valter Pereira / PMJ

Após uma proveitosa aula da professora Aldaiza Sposatti, é hora do almoço. As três estão no restaurante da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e não param de falar sobre o dia a dia da Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania (Sasc) de Jacareí, cidade a 80 quilômetros de São Paulo.

Um mês mais tarde, chegamos à cidade. A diretora de Proteção Básica da Sasc, Mariza de Fátima, desta vez sem a companhia de Jurema e Cidinha, discorre a respeito de tudo o que é desenvolvido pela Secretaria, dos deveres do assistente social e das novidades que aprendeu na capacitação e que têm a ver com o seu cotidiano. Chega a hora do almoço e, mais uma vez, ela para de comer e começa a descrever o trabalho.

Os olhos de Mariza brilham quando o assunto é assistência social. O garfo fica suspenso em frente à boca, e ela continua a falar. De vez em quando, interrompe o assunto para mandar beijos, cumprimentando cada pessoa que entra no restaurante. "Conheço todo mundo

aqui, amo essa cidade e o que faço. Se deixar, fico o dia inteiro falando do meu trabalho", diz sorrindo.

De volta à Sasc, ela conta como é o trabalho que a equipe desenvolve e os objetivos que tem para o futuro próximo. Cidinha passou toda a manhã numa reunião sobre

população em situação de rua, e, ao lado de Mariza, relata o funcionamento do serviço de acolhida à esse público. Aproveitando a deixa do assunto, Mariza diz que faz questão de apresentar a Casa de Convivência Celso Roberto dos Santos, que leva o nome em homenagem a um ex-morador em situação de rua.

A Casa de Convivência fica a três quadras da Sasc. O cheiro de comida pode ser sentido em todas as dependências do lugar, e fica mais forte rumo à cozinha, onde almoçam seis moradores em situação de rua. No prato, arroz, feijão, macarrão, frango e salada. "As pessoas em geral vêm nesse público muitos problemas.



Mariza mostra os quadros feitos por pessoas em situação de rua

Foto: Cristina Reis/PMJ



Sentada na frente, Cidinha participa ativamente das discussões

Foto: Rosiene Assunção/MDS



Um dos focos prioritários do trabalho de Mariza, Jurema e Cidinha, as alunas/gestoras de Jacareí, é a população em situação de rua. Atualmente, já se tem um Raio X deste público no Brasil. A Pesquisa Nacional sobre a População de Rua, realizada pelo Instituto Meta e fruto da parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), identificou índices até então inéditos:

- 82% são homens.
- 74% sabem ler e escrever.
- 70% preferem dormir na rua a ficar em casa.
- Mais de 70% alegam estar na rua por um dos três motivos: drogas, desemprego ou desavenças com a família.
- Quase 90% não têm acesso a programas governamentais.
- Mais de 70% exercem alguma atividade remunerada.
- Cerca de 20% não conseguem se alimentar ao menos uma vez por dia.
- 15,7% pedem dinheiro para sobreviver, dado importante para desmistificar o fato de que a população em situação de rua é composta por "mendigos" e "pedintes".

A gente vê muitas oportunidades", analisa Mariza, a quem os moradores olham com ternura.

Com apreço semelhante, Mariza é recebida nos quatro Centros de Referência de Assistência Social (Cras) e no Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas). Isso porque o trabalho é de-

sempenhado de forma profissional, mas sem perder o carinho e empenho. No dia a dia, a palavra de ordem das profissionais de Jacareí é humanizar o atendimento e aperfeiçoar o trabalho.

Em meio a uma conversa sobre os avanços do município, e sobre o que concordância de errado no funcionamento de

programas e o que ainda poderia melhorar, Mariza explica cantando qual é a filosofia da Sasc: "A gente aqui é que nem aquela música, sabe? Eu quero sempre *maais* que hoje, eu quero sempre *maais* que ontem...", em referência à música *Mais*, da banda de rock *Capital Inicial*.

Jurema faz parte do trio de alunas nota 10

Foto: Cristina Reis



Uma Vida de

Beth não se deu por satisfeita em superar muitas dificuldades e mudar de vida. Agora, ela vem transformando a realidade de outros cidadãos

Dizem que as escolhas não são aleatórias. Pelo menos no caso de Elisabeth Bento, aluna do lote 10 da Capacitação para Gerentes Sociais e secretária municipal de Promoção e Desenvolvimento Social de Ferraz de Vasconcelos, São Paulo, as escolhas são reflexos do passado. Para ela, a opção por cursar Serviço Social não se deu à-toa.

Vinda de uma família de oito irmãos e muito carente, Beth cresceu em meio a dificuldades. Ela começou a trabalhar como babá aos 12 anos para complementar a renda familiar. O pai era metalúrgico e ganhava pouco para sustentar uma família numerosa. "Antigamente, não havia a assistência social como é hoje. O que havia era solidariedade, e meu pai sempre foi muito digno e orgulhoso, não deixava a gente aceitar esse tipo de coisa".

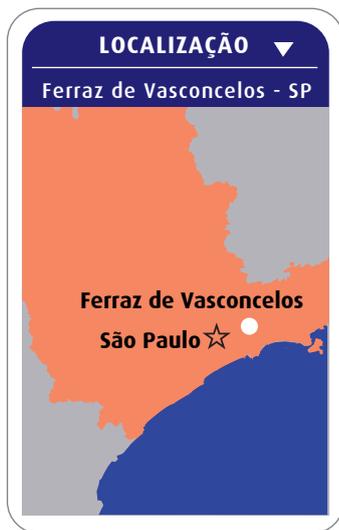
mudanças



Fotos: Carlos Júnior/Ferraz de Vasconcelos

Elisabeth Bento é secretária de Promoção Social de Ferraz de Vasconcelos (SP) e aluna do lote 10. Sempre ocupada, ela vem dando conta do recado.

Mas o empenho de Beth mudaria as coisas lentamente. A menina não deixou de estudar, e embora os pais não tivessem escolaridade, sempre a incentivaram a continuar no colégio para mudar de vida. Ela foi comerciária por 12 anos, desde a adolescência até o fim da gra-



duação. Parte dos estudos foram pagos pelo dono da loja onde trabalhava cerca de 12 horas por dia. Faltava tempo para se dedicar à faculdade e viver de forma mais tranquila. Porém, o resultado de tanto esforço estava próximo.

Bete fez dois anos de estágio na Funda-

ção Casa (antiga Febem), no atendimento à adolescentes que cumpriam liberdade assistida. Quando se formou em Serviço Social, trabalhou num hospital psiquiátrico e depois numa entidade social em Ferraz de Vasconcelos. A partir daí começou a trabalhar no Governo do Estado de São Paulo e na Prefeitura Municipal, sempre na área de assistência social, onde atua há 14 anos.

Ela conta que sempre foi fascinada pelo trabalho e que descobriu ali uma vocação que pretende exercer para o resto da vida. "Gostava tanto de atender às pessoas que vinham até mim que costumava dizer que nem precisava receber para isso", fala e levanta a cabeça para dar uma sonora gargalhada. "Ainda continuo amando a profissão, mas agora preciso receber!".

Todos os dias bem cedo, Beth vai à Secretaria ou a outros locais onde há serviços socioassistenciais. Um deles é o Centro de Integração e Cidadania (CIC). No espaço, funcionam diversos serviços socioassistenciais.

No Centro de Integração e Cidadania (CIC), Beth mostra que conhece a fundo os desafios de sua gestão como secretária



Os celulares não param

Numa manhã de quarta-feira, há muita gente à espera de atendimento no CIC. Beth cumprimenta e é cumprimentada por funcionários e usuários, que a chamam pelo nome e dão beijos estalados em seu rosto. Há quatro Cras em Ferraz, todos sob a responsabilidade de Beth. Todo o trabalho é acompanhado bem de perto por ela e por uma equipe que atua no andamento dos serviços socioassistenciais. Ela fala do atendimento à um público ao qual todos têm se empenhado muito: o atendimento à família. Considera ser esse o eixo das ações na assistência social, assunto tão importante que a levou a fazer um curso de especialização sobre o assunto.

Os dois celulares tocam o tempo todo, mais do que nos dias de aula na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), onde Beth participou da Capacitação. Ela atende. É um probleminha na Secretaria que precisa da avaliação dela. Toca novamente. É o filho de 12 anos. "Não repara não, é sempre assim, não param de tocar", se desculpa lançando mão de um recurso infalível no rosto moreno: o sorriso.

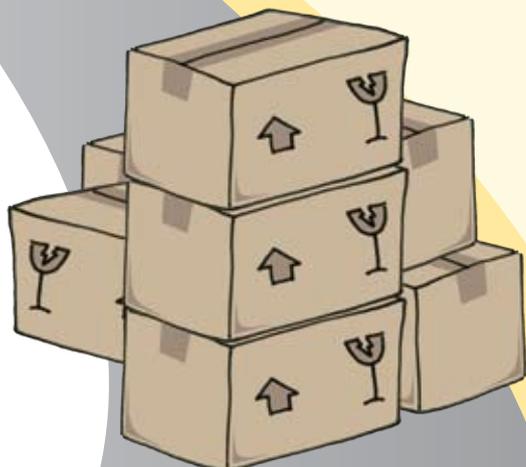
Durante as aulas, um e outro aluno estica o pescoço para conferir o movimento de Beth, que entra e sai da sala para atender o telefone. Apesar de interromper momentaneamente as aulas para resolver pendências referentes ao município, ela se mostra muito participativa.

Num dia de capacitação, o professor Ademir Alves da Silva, que também trabalha diretamente com be-

neficiários, contou que muitos cidadãos não conhecem os direitos que têm. E usou um exemplo próprio para ilustrar a situação. Em um dos muitos plantões que já fez em hospitais, uma pessoa o procurou cabisbaixa e envergonhada, querendo um vale-transporte, pois não tinha dinheiro para voltar para casa. Ao receber o vale, agradeceu muito e afirmou que Ademir era uma pessoa muito boazinha. O professor mostrou a ela que o vale não lhe foi dado porque Ademir é bonzinho, mas porque é um direito de todo cidadão.

A fim de reiterar o que disse, o professor, Beth levanta a mão e dá início a uma discussão sobre doação de cestas básicas. "A questão não é dar ou não uma cesta básica, julgar que a pessoa ganha tudo de mão beijada e pronto. A conotação tem de ser diferente. Tem que observar se a pessoa está ciente ou não do direito dela, trabalhar para que haja a consciência de que sua participação é necessária no que está levando para casa. Essa é a diferença entre assistência social e assistencialismo". Os colegas balançavam positivamente a cabeça.

Sempre que um professor suscitava uma discussão, Beth se prontificava a falar. Com a voz fina, mas imponente, ela se pronuncia de forma muito articulada. À frente da Secretaria Municipal de Promoção e Desenvolvimento Social, superar dificuldades e mudar para melhor não parece tarefa impossível para uma mulher que está acostumada a enfrentar desafios e vencê-los.



Veja o que alunos, monitores, coordenadores e demais envolvidos na capacitação têm a dizer sobre a iniciativa:

Raquel Raichelis, professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

“Foi uma iniciativa importante porque fez entender a assistência social como uma responsabilidade estatal, e não individual. O mais importante desse processo que estamos vivenciando é o trabalhador, que tem de estar qualificado. É um processo que acontece a passos acelerados e a qualificação dos profissionais se torna mais que necessária. É fundamental que o profissional tenha a clareza da socialização”.

Márcia Lopes, coordenadora do Comitê Acadêmico da Capacitação

“Toda capacitação tem reflexo positivo para os profissionais que a cursam e para os beneficiários. Quanto mais eles compreenderem a realidade dos beneficiários e desenvolverem métodos de trabalho eficientes e condizentes com o que vivem essas pessoas, melhor será”.

Simone Albuquerque, diretora do Departamento de Gestão do Sistema Único de Assistência Social do MDS

“A formação no caso da assistência social é tão importante como ter vacina e remédio no centro de saúde. É o ingrediente necessário para que os profissionais possam compreender a realidade onde trabalham, os problemas enfrentados pela população e, assim, construir junto com essa população uma perspectiva, uma possibilidade de melhoria na vida delas”.

Fernanda Kallyne, gerente executiva de Desenvolvimento Social de Mossoró (RN)

“A gente está muito perto da prática e distante da teoria. Precisamos de mais embasamento teórico para nossas ações, mais respaldo técnico. Na Capacitação, a gente tem isso e outras coisas que sentimos falta no dia-a-dia”.

Marina Ribeiro, pró-reitora da Agência Capacitadora Universidade de Montes Claros

“A troca de experiências é um dos eixos da capacitação, mas não se limita aos gestores dos municípios. Nós como instituição de ensino também ganhamos muito com estas experiências, pois transmitimos o que sabemos e agregamos o que é novo para nós”.

Sonia Maria Alves, monitora do lote 1

“A assistência social está passando por uma mudança no país e a Capacitação mostra isso. É uma oportunidade muito rica de aliar as leis com o que eles vivem na prática”.